



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – CCSA
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – DECOM
HABILITAÇÃO EM JORNALISMO**

ANDRÉIA XAVIER DOS SANTOS

**RADIONOVELAS: CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA COLETIVA DE MULHERES
PARAIBANAS**

Orientadora: Profa. Dra. Ingrid Farias Fachine Oliveira

CAMPINA GRANDE – PB

2012

ANDRÉIA XAVIER DOS SANTOS

**RADIONOVELAS: CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA COLETIVA DE MULHERES
PARAIBANAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Comunicação Social da Universidade Estadual da Paraíba como requisito necessário para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo.

Orientadora: Profa. Dra. Ingrid Farias Fachine Oliveira

CAMPINA GRANDE – PB

2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL CIA 01 – UEPB

S237r Santos, Andréia Xavier dos.

Radionovelas: construção da memória coletiva de mulheres paraibanas ./ Andréia Xavier dos Santos. – 2012.
26f.;

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2012.

“Orientação: Profa. Dra. Ingrid Farias Fechine Oliveira, Departamento de Comunicação Social”.

1.Rádio. 2. Radionovelas 3. Memória coletiva. 4.Mulheres paraibanas. I. Título.

21. ed. CDD 070.195

ANDRÉIA XAVIER DOS SANTOS

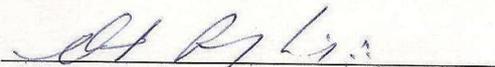
RADIONOVELAS: CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA COLETIVA DE MULHERES
PARAIBANAS

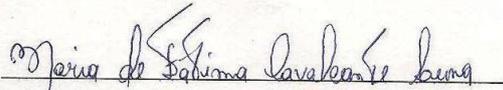
Aprovado em 14 de Novembro de 2012.

NOTA 10,0

COMISSÃO EXAMINADORA


Profa. Dra. Ingrid Farias Fechine Oliveira
Orientadora - UEPB


Prof. Ms. Orlando Ângelo da Silva
Examinador - UEPB


Profa. Ms. Maria de Fátima Cavalcante Luna
Examinadora - UEPB

Campina Grande- PB
2012

AGRADECIMENTOS

Do dia em que decidi cursar Comunicação Social até hoje, longa foi a caminhada. Muitas foram as pedras e dissabores encontrados no caminho, mas maiores ainda os frutos e alegrias compartilhados. Muito tenho que agradecer: aos que do alto do seu egoísmo e prepotência me fizeram suportar a dureza dos dias e dificuldades dos momentos, meu franco reconhecimento, pois com estes aprendi a ser cada vez mais forte, apesar das circunstâncias.

Já aos incríveis seres humanos capazes de tornar a dureza dos dias e as dificuldades dos momentos mais maleáveis, para que eu pudesse suportar igualmente, porém não sozinha, minha infinita e sincera gratidão. É a estes que dedico humildemente este trabalho.

A Deus, o velejador da jangada de pedra da minha vida, parafraseando Saramago. Aos meus pais, que são mais do que genitores, mais do que anjos da guarda, sempre acreditando em mim. À flor e mulher exemplo de minha vida de forma especial, minha.

Ao corpo docente e administrativo do Departamento de Comunicação Social da Universidade Estadual da Paraíba, por todo o conhecimento e experiência compartilhados durante esses quatro anos. Em especial a minha orientadora, Professora Doutora Ingrid Fachine, por ter me aceitado como orientanda e por ter me incentivado e acreditado no projeto de forma tão acolhedora e paciente.

Aos professores Orlando Ângelo e Fátima Luna por aceitarem fazer parte da banca examinadora, contribuindo para minha formação de forma tão atenciosa.

A minha *best friend*, Evellyn Lima, de astúcia e capacidade incríveis, por ter me acolhido e acompanhado desde sempre, e por seu sorriso constante.

Aos meus amigos, zelosos e destrambelhados. De todos os tipos e todas as cores.

A todos que contribuíram para a realização deste trabalho, mesmo que distantes fisicamente, afastados por esse vento que é o destino, minha profunda gratidão por fazerem parte da história de uma vida que teima em pulsar e alcançar novos horizontes.

RADIONOVELAS: CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA COLETIVA DE MULHERES PARAIBANAS

*Andréia Xavier dos Santos*¹
*Profa. Dra. Ingrid Farias Fechine Oliveira*²

RESUMO

Durante as décadas de 1940 e 1950 o rádio alcançou grande repercussão junto ao público ouvinte, e possuía certo *glamour*, por isso esse período ficou conhecido como a *era de ouro* do rádio brasileiro, com a apresentação de programas com alto índice de audiência, como é o caso das radionovelas, tema central deste artigo. As radionovelas eram um grande sucesso da radiofonia e faziam parte do imaginário da sociedade lançando modas, moldando hábitos e costumes. Objetiva-se estudar a construção da memória coletiva de mulheres paraibanas, a partir das radionovelas das décadas de 1940 e 1950. A metodologia consta de leitura e fichamento da bibliografia específica sobre radionovelas (AZEVEDO, 1996) e memória coletiva (HALBWACHS, 1990). Através de entrevistas semiestruturadas aplicadas junto a seis paraibanas, busca-se compreender a influência das radionovelas no cotidiano dessa época. A partir destas entrevistas compreendemos o cotidiano social da época e a interferência desse gênero na vida das mulheres, alterando sua rotina. As radionovelas ocuparam um lugar de destaque nos anos dourados do rádio e influenciaram toda uma geração de ouvintes, que relembram seu dia-a-dia a partir da vivência com esse gênero.

PALAVRAS-CHAVE: Rádio. Radionovela. Memória Coletiva. Mulheres Paraibanas.

ABSTRACT

During the decade from 1940 to 1950 the radio has achieved great success among listeners and possessed certain glamour, for this reason this period is known as a gold era of Brazilian Radio, with the presentation of programs with high audience like Radio Soap opera, main topic of this article. Radio soap operas recorded a very successful radio broadcasting and were part of the collective imaginary launching fashions, changing clothes and mores. This study focuses on the construction of collective memory of women from Paraíba, from soap operas of the 1940s and 1950s. The methodology consists in reading and cataloging of the literature on Radio soap opera (AZEVEDO, 1996) and collective memory (HALBWACHS, 1990). Beyond semi-structured interviews applied to 6 (six) paraibans women, try to understand the influence of radio in this everyday life of the time. From this interviews save a daily social and interference in the life of the women's, changing their routine. The soap operas occupied a prominent place in the golden years of radio and influenced a whole generation of listeners, reminiscent of their day-to-day from the experience with this genre.

KEY-WORDS: Radio. Soap Opera. Collective Memory. Paraibans Women.

¹Aluna do Curso de Comunicação Social da Universidade Estadual da Paraíba; email: andreiaxavier@gmail.com

²Orientadora. Curso de Comunicação Social da Universidade Estadual da Paraíba; ingridfechine@yahoo.com.br

1 - INTRODUÇÃO

... o rádio transformava a vida dos pobres, e sobretudo das mulheres pobres presas ao lar, como nada fizera antes. Trazia o mundo à sua sala. Daí em diante, os mais solitários não precisavam mais ficar inteiramente sós. E toda a gama do que podia ser dito, cantado, tocado ou de outro modo expresso em sons estava agora ao alcance deles. (HOBBSAWM, 1995, p. 194)

O século XXI, com todo o seu aparato tecnológico invadiu, definitivamente, o cotidiano das pessoas e assume cada vez mais novos espaços, entre eles, os virtuais, incorporando rapidez e imediatismo de informações no mundo. Embora em meio a tanta tecnologia disponível e a inúmeros mecanismos de conexão, ainda se pode perceber o importante papel do rádio no cotidiano da sociedade brasileira. Um veículo de comunicação secular que até hoje – híbrido a outros meios de comunicação, inclusive à internet e à própria televisão – mostra-se como “companheiro” dos seus ouvintes.

O rádio, ao longo de seus mais de 70 anos de história no Brasil, cumpriu papéis diversos, atendeu a interesses variados, adaptou-se às mudanças dos tempos e hoje alcança a marca de mais de 115 milhões de ouvintes contra uns 85 milhões de telespectadores e no máximo 8 milhões de leitores de jornais e revistas (MAGNONI *apud* AZEVEDO, 2004, p. 69).

Mesmo que a participação do rádio no cotidiano dos ouvintes ainda seja notada, e constitua durante esses 90 anos³ parte importante para a história da formação da sociedade brasileira, muitos acontecimentos e episódios dessa época permanecem esquecidos, obscuros e irrecuperáveis, por serem de difícil acesso ou por fazerem parte da memória de alguns poucos ouvintes.

A dificuldade em acessar esses materiais – que geralmente são de acervo de particulares e familiares, ou estão perdidos em bibliotecas públicas do país – contribuem para que a história do rádio, com seu apogeu nas décadas de 1940 e 1950, e principalmente das radionovelas que foram o maior fenômeno de audiência da programação radiofônica, seja esquecida.

O estudo sobre radionovelas encontra-se, portanto, muito tímido, principalmente na área de comunicação, sendo raros os trabalhos acadêmicos a contemplá-los ainda hoje. Estudos esses que se baseiam mais na perspectiva historiográfica e literária do que comunicacional, a exemplo da dissertação de

³ Em 2012, o rádio completa 90 anos de sua primeira transmissão oficial no Brasil (AZEVEDO, 1996).

mestrado da historiadora Lia Calabre de Azevedo (1996), intitulada “Na Sintonia do Tempo: uma leitura do cotidiano através da produção ficcional radiofônica (1940-1946)” e de Glenda Rose Gonçalves Chaves (2007): “A radionovela no Brasil: um estudo de Odette Machado Alamy (1913-1999)”.

Com o objetivo de contribuir para a história e diminuir esta lacuna no cenário cultural brasileiro, este trabalho procura ampliar a abordagem dos estudos sobre o rádio, especificamente das Radionovelas, em torno de uma temática específica: a influência exercida pelas radionovelas na construção da memória coletiva das mulheres paraibanas. Um tema pertinente, atual e inédito em termos locais.

O estudo investiga, portanto, o alcance das radionovelas, de modo a identificar as características que fizeram esse gênero, nascido do romance-folhetim, tornar-se um propulsor de ideias e comportamentos. As novelas do rádio podem ser um exemplo de que o receptor não é apenas um sujeito passivo, com uma linguagem que se dirigia à *massa* e ao *indivíduo* em específico, mas que abria as asas da imaginação e da criatividade de cada um. Uma arte que surgiu em um meio técnico – o rádio –, em pouco tempo alcançou relevância e se tornou a base de outras artes dos meios de comunicação.

Para tanto foi realizada uma pesquisa bibliográfica que recupera de forma contextualizada a participação do rádio no cotidiano da sociedade brasileira e paraibana, especificamente dos seus primeiros anos de difusão até o seu auge, na década de 1950. Essa pesquisa foi feita em grande parte nos estudos de Azevedo (1996) e de Souza (2005), além de outras publicações que remetem à história do rádio e dos gêneros que fizeram parte da sua diversificada programação, como os estudos de Saroldi & Moreira (2005).

Procurando conhecer melhor o suporte de difusão das radionovelas, contaremos fundamentalmente com as contribuições presentes em um estudo organizado sobre a peça radiofônica de George Bernard Sperber (1980), que analisa os meios técnicos e recursos sonoros utilizados nas radiodramatizações.

Com o objetivo de entender de que modo as mulheres paraibanas recebiam as mensagens propagadas pelas radionovelas e como elas as agregavam ao seu cotidiano, construindo assim, sua memória coletiva, foram realizadas 06 (seis) entrevistas semiestruturadas com senhoras que já tiveram a experiência de ouvir radionovelas em determinada época de suas vidas.

A escolha das entrevistadas foi antecedida de uma conversa informal prévia, com mulheres locais, de idade entre 50 e 80 anos, de modo a identificar as ouvintes mais assíduas às transmissões de radionovelas.

No campo teórico, os estudos sobre memória coletiva de Halbwachs (1990) são fundamentais para entender os pontos de contato entre as diversas lembranças recordadas e para que estas pudessem ser reconstruídas sobre um fundamento comum.

Dessa forma, o presente trabalho divide-se em quatro partes. Na primeira, pretendemos contextualizar o momento sociocultural de surgimento e difusão das radionovelas brasileiras por meio de estudos historiográficos e críticos sobre esse tema, que estão inseridos principalmente em textos ligados ao surgimento e descoberta do rádio.

Depois dessa contextualização, a segunda parte do artigo aborda a linguagem e característica das radionovelas, seus instrumentos e meios de produção, como a sonoplastia, a música e a contrarregra. Em seguida, abordamos de que forma se configura o direcionamento dado ao público feminino através das narrativas.

Por fim, a última parte do presente artigo objetiva uma construção da memória coletiva a partir da análise das entrevistas semiestruturadas realizadas com as ouvintes das radionovelas.

Senhores, senhoras e senhoritas, com vocês mais um capítulo da história da radiofonia brasileira.

2 O Rádio: do surgimento à consagração

Há exatos 90 anos o rádio foi trazido ao conhecimento e especulação do público brasileiro. Um aparelho de grande porte, mas de maior, alcance social e geográfico. Um aparelho que, ao longo de seu quase um século de existência, já foi disseminador de revoluções e vitórias, sorrisos e lágrimas, mas que continua vivo, como um parente centenário, informando, divertindo e povoando nossa imaginação. Um aparelho que se confirmou como a mais antiga companhia dos lares brasileiros; a capelinha⁴, a caixa mágica, o rádio!

⁴ O aparelho receptor ficou assim conhecido por assemelhar-se a uma capela;

No Brasil, a primeira transmissão radiofônica oficial ocorreu em 07 de setembro de 1922, na Exposição Nacional, por ocasião dos festejos do centenário da independência, onde os visitantes puderam ouvir, além de muito ruído, a transmissão do discurso do presidente, o paraibano Epiácio Pessoa (MENEGUEL, 2008). Tamanho foi o sucesso e a repercussão da difusão que já no próximo ano, em 1923, se estabelece no Rio de Janeiro a primeira emissora de rádio brasileira, a *Rádio Sociedade do Rio de Janeiro*, seguida por outras tantas em todo o país.

Na Paraíba, a primeira emissora de rádio surge ainda entre os anos 1930 e 1931, na capital, quando o Estado vivia então um momento de êxodo rural e uma migração do sertão para o litoral (MELLO *apud* SOUZA, 2005). Como a legislação que permitia publicidade só seria promulgada anos depois, a emissora foi fundada seguindo os moldes das pioneiras do país: rádios clubes⁵:

As primeiras rádios, por serem financiadas por seus associados, eram sociedades ou clubs (sic) que tinham como objetivo difundir a cultura e promover a integração nacional. É por essa razão que a denominação das primeiras emissoras era sempre Rádio Sociedade. (MENEGUEL, 2008, p. 04).

A *Rádio Clube da Parahyba* transmitia sua programação pelo sistema de alto-falantes, pois havia poucos aparelhos receptores nas residências e conseguir sintonizar o sinal da emissora era uma tarefa árdua (SOUZA, 2005).

O transmissor da nova emissora não era potente e os poucos proprietários de receptores precisavam de muita paciência para sintonizar o sinal da Rádio Clube. Alguns desses donos de aparelhos chegaram a destinar salas especiais onde as pessoas se reuniam ao redor do Radiorreceptor. (SOUZA, 2005, p. 03)

Nos primeiros anos de difusão, o rádio tinha a missão essencial de transmitir educação e cultura, seguindo o modelo das primeiras emissoras europeias. Por esse motivo, a programação era composta essencialmente de programas educativos que buscavam alfabetizar a população, na época composta por 56,17% de analfabetos (BEISIEGEL *apud* AZEVEDO, 1996).

A Rádio Sociedade Rio de Janeiro desenvolvia programas voltados à formação dos ouvintes, por meio de cursos: aulas, conferências e palestras.

⁵ As rádios clubes ou sociedades previam em seus estatutos a existência de associados, com obrigação de colaborar com determinada quantia mensal (AZEVEDO, 1996).

Literatura, lições de português, história, geografia e outras faziam parte das transmissões radiofônicas. Muitos intelectuais, em visita ao Rio de Janeiro, eram convidados a participar, tornando evidente a preocupação com a divulgação do conhecimento. (MOREIRA, 1991, p. 22).

Porém, de acordo com Azevedo (1996), essa programação dificultava o funcionamento das rádios, em sua maioria *clubes*. Esse cenário só veio a se modificar em 1932, quando o então presidente da república Getúlio Vargas, atribui à legislação os decretos nº 20.047 e 21.111, de 27/05/1931 e 1º/03/1932, que corroboravam com a missão educativa do rádio, mas normatizavam o rádio comercial, admitindo assim, a veiculação de publicidade.

Atribui-se à legislação aprovada em 1931 e regulamentada em 1932 [...] uma grande parcela da contribuição para o surgimento e consolidação de uma conjuntura favorável ao rádio. Ao atualiza-se a legislação o sistema de radiodifusão tornou-se potente e eficaz, ao mesmo tempo que, reformado e ampliado, estaria pronto para servir ao Estado. (AZEVEDO, 1996, p. 59).

Começam então, a partir de 1935, a surgir os primeiros programas de calouros e radiojornalísticos do país, refletindo a voracidade com que o rádio ia se espalhando após os decretos assinados por Vargas⁶. Isso ocorreu, segundo Meneguel (2008), porque a partir do momento em que foi permitida a propaganda, o rádio passou a ser visto também como um instrumento mercantil. Vale destacar que o preço dos anúncios estava associado à audiência do programa e à popularidade da emissora, gerando conseqüentemente uma concorrência que exigia que as rádios investissem em uma programação diversificada e que proporcionasse diversão e lazer aos ouvintes.

Tendo como objetivo atrair novos ouvintes, as emissoras empenhavam-se em produzir programas populares, levando em consideração a opinião pública para a sua avaliação. Com a promoção de concursos, distribuição de brindes e análise de correspondências recebidas avaliava-se o programa que poderia passar por uma reformulação ou até ser retirado do ar. O ouvinte tornou-se exigente devido ao crescimento do número de emissoras que lhe proporcionava mais opções. (MENEGUEL, 2008, p. 09).

Dada a largada para o rádio se tornar o meio de comunicação unificador do país, com o seu material de som e palavra, percebeu-se que ele tinha o efeito estritamente singular de dirigir-se a milhares de ouvintes e a cada um em específico,

⁶ Decretos nº 20.047 e 21.111 de 27/05/31 e 01/03/31, respectivamente, já mencionados.

interferindo na capacidade imaginativa do indivíduo, aliando uma tarefa individual a uma tarefa coletiva e transmitindo para o indivíduo a necessidade da *massa*.

Segundo Souza (2006), o rádio, como meio de comunicação de massa, talvez tenha sido o veículo mais democrático já colocado à disposição da humanidade. Isso porque, independente da configuração ideológica que era veiculada nos seus programas, ele atingia a ricos e pobres indistintamente, e, cabia a cada ouvinte reelaborar a mensagem recepcionada.

Surge então, no cenário radiofônico nacional, a figura de Almirante⁷ (Henrique Foreis Domingues), mais tarde batizado com o título de *a maior patente do rádio*. Pandeirista, cantor e dono de uma voz imponente, Almirante logo passou também à função de locutor do Programa Casé, um programa que se tornaria uma verdadeira escola de rádio (SAROLDI; MOREIRA, 2005). Nas primeiras transmissões do seu programa, Almirante seguia o modelo de produção das primitivas emissoras, mas percebendo a pouca receptividade do público⁸, ele resolveu ocupar o horário do programa com outras atrações, dentre as quais o radioteatro, recebendo total apoio do público e da imprensa.

As primeiras apresentações radiofônicas de esquetes ou cenas surgiram como um tipo de experiência. Vinham do teatro e de livros clássicos da literatura brasileira, e eram adaptadas às limitações do rádio. O pioneiro nessa arte da adaptação de material literário e teatral no Brasil foi o ator Victor Costa, ele fazia parte juntamente com Almirante do Programa Casé e futuramente viria a ser diretor do radioteatro da Rádio Nacional do Rio de Janeiro, que atingiria um sucesso extraordinário de público.

Uma das experiências que o rádio iniciou desde logo foi a experiência da arte. O resultado foi o chamado Hörspiel (peça radiofônica). As suas chances de sobrevivência dependiam da vontade de experimentar dos seus parceiros. Quem foram eles? Foram os diretores das rádios com pendores artísticos, os críticos literários, dramaturgos, leitores, engenheiros de som, diretores, atores e, principalmente, os autores. (SCHÖNING, 1979, p. 168).

Outro ponto relevante, diz respeito às narrativas melodramáticas. Chaves (2007) ressalta que esse gênero chega ao Brasil justamente no momento de consolidação do rádio como veículo de comunicação fundamental para a sociedade

⁷ Tinha esse apelido, porque havia servido à Marinha durante sua juventude.

⁸ Medida pelo baixo índice de chamadas telefônicas (SAROLDI; MOREIRA, 2005).

do século XX, se constituindo como um grande gênero narrativo popular, o que vem trazer maior visibilidade e audiência a este meio, que nasceu de uma elite, mas começa nesse momento a ser repensado para alcançar cada vez mais sucesso em todas as classes e gêneros sociais.

O resultado dessa experiência de adaptação iniciada por Victor Costa, que acontecia no Brasil concomitante à popularização do gênero radionovela na América Latina, principalmente em Cuba e na Argentina, deu espaço para a transmissão das primeiras radionovelas no país, com linguagem e aspectos adequados ao próprio rádio, o que lhes propiciou logo de início um sistema de distribuição de grande alcance, adentrando a casa, o cotidiano e os sonhos dos ouvintes.

3 As Radionovelas: fábricas de ilusões

“Quando eu era pequeno não havia televisão. Mas havia o radioteatro. Minha avó colava o ouvido no rádio: as novelas arrancavam suspiros e lágrimas. Criavam uma espécie de dependência terrível como o tóxico. [...] O rádio era um instrumento mágico que nos transportava para um universo de fuga e fantasia. [...]” (PEIXOTO, 1980, p. 05).

Falemos agora do gênero radiofônico que emocionou e estimulou os sentidos de milhares de ouvintes espalhados por todo o Brasil. Uma trama onde os recursos de música, voz, silêncio e efeitos sonoros davam vida a um universo mágico no qual se era possível *ver*, apesar de estar-se apenas ouvindo. Com vocês, a estrela deste artigo e da era de ouro do rádio brasileiro: a radionovela!

As famosas narrativas melodramáticas, que já faziam sucesso em Cuba e na Argentina chegaram ao Brasil já durante a *era de ouro* do rádio. Segundo Azevedo (1996), a primeira Radionovela a ser transmitida no país foi *Em Busca da Felicidade* original do cubano Leandro Blanco, adaptação de Gilberto Martins, em 05 de junho 1941, que ia ao ar às 10h30 das segundas, quartas e sextas-feiras pela Rádio Nacional do Rio de Janeiro, consagrada logo de início como sucesso de audiência na programação. A partir daí, as radionovelas ocuparam cada vez mais espaço na transmissão radiofônica do país.

A programação tornou as novelas de rádio um fenômeno generalizado. A Rádio Nacional no Rio de Janeiro e a Rádio São Paulo, na capital paulista, passaram a ser especialistas. Isso permitia um grande desenvolvimento do setor de radionovela e radioteatro das emissoras. (CHAVES, 2007, p. 89).

As radionovelas contavam com um importante aparato técnico nas suas produções. E esses elementos eram de extrema importância para se obter o sentido e a recepção desejada na mensagem ou texto veiculado. Poletto & Fernandes (2005) ressalta que vozes impecáveis, com tons graves ou agudos eram sistematicamente utilizadas para dar vida aos textos e penetrar no consciente dos radiouvintes⁹ enquanto que a sonoplastia, a música e a contrarregra pretendiam inflar o inconsciente imaginário, estimulando a criatividade dos ouvintes.

Em seu estudo organizado sobre a peça radiofônica, Sperber (1980) reúne a análise de todos os elementos técnicos e recursos sonoros que acompanhavam a produção das radionovelas. A obra destaca que se estava diante de uma nova linguagem construída com elementos essencialmente sonoros:

Nem música nem literatura. Estamos diante do som trabalhado enquanto material básico para a construção de obras definitivas que instalam uma linguagem avassaladora [...] desprezando a lógica de textos destinados a serem vistos ou lidos, abandonando a sintaxe de cinema, televisão ou de literatura, organizam um universo novo, no qual palavra e som, ruídos e silêncios, ou mesmo música, propõem, a partir de efeitos técnicos e/ou humanos, uma realidade criativa surpreendente, e até mesmo, transformadora. (PEIXOTO, 1980, p. 8).

Além desses aspectos, Chaves (2007) destaca o surgimento dos escritores de radionovelas adaptadas ao gosto nacional do brasileiro¹⁰. Esses escritores nem sempre eram autores de clássicos nacionais. Muitas vezes eram pessoas que escreviam para teatro ou até mesmo jornal, e com o crescente aumento da produção radiofônica, começavam a explorar esse universo imaginário. Dentre os maiores escritores de radionovelas brasileiros, podemos citar Oduvaldo Viana, Raimundo Lopes, Luiz Quirino e Amaral Gurgel.

O essencial ao autor de radionovelas era a criatividade em escrever capítulos que, de forma seriada, pudessem prender a atenção do ouvinte até o final da trama, sustentando a audiência e conseqüentemente a verba publicitária que manteria a radionovela no ar, como descreve Lago *apud* Chaves (2007, p. 33):

[...] Estar inventando histórias sem descanso entre uma e outra, mantê-las no ar enquanto estiverem agradando (mesmo que o assunto não desse para ficar esticando até o infinito, mas o patrocinador queria e não havia o

⁹ Usamos esse termo para definir o ouvinte de rádio.

¹⁰ As radionovelas importadas de Cuba eram consideradas excessivamente dramáticas, não agradando muito os ouvintes brasileiros (CALABRE, 2003).

que discutir), fechar todos os capítulos com um suspense capaz de provocar interesse para o capítulo do dia seguinte? Isso era lá favor que amigo prestasse!

A fragmentação das radionovelas em formas de capítulos, com duração máxima de trinta minutos, é outro detalhe que merece destaque. Azevedo (1996, p. 121) afirma que “a narrativa em capítulos é bem adequada às especificidades do próprio meio – é impossível produzir um radioteatro de 3 horas de duração, seriam poucos os ouvintes que conseguiriam acompanhar toda a narrativa.” Dessa forma, percebemos que esse fator foi estratégico tanto para prender a atenção do ouvinte durante o momento da irradiação, quanto para possibilitar ao ouvinte organizar o seu tempo para o momento da próxima transmissão.

3.1 A Voz

“O homem tem todas suas vozes” (KLIPPERT, 1977, p. 87).

A voz humana não poderia deixar de ser um elemento fundamental na produção das radionovelas. Ela é o suporte básico em que as mensagens são transmitidas. A partir de suas diversas entonações, da inflexão, da modulação e do timbre é que se constituem os personagens: mocinhos, vilões, crianças, velhos. A própria pontuação¹¹ inserida na leitura das peças é uma maneira para atenuar a voz e modificar o ritmo ou o sentido do discurso. O radioator¹² conta com esses recursos vocais para despertar no ouvinte sensações e emoções.

[...] a pessoa que emite a voz escolhe consciente e inconscientemente os meios que utilizará. Tudo o que essa pessoa sentir pode ser expresso pela sua voz: as características biofísicas do aparelho fonador da pessoa, assim como a sua origem geográfico ou nacional (dialetos e prosódias), a sua classe social, a idade, o sexo ou a sina pessoal (...) o estado d'alma, os sentimentos, o temperamento [...] (KLIPPERT, 1977, p. 89).

Mesmo falando da voz humana como importante elemento sonoro na produção das radionovelas, não podemos esquecer que esta era transmitida pelo rádio, *aparelho técnico* de difusão das radionovelas, o que conferia, de acordo com

¹¹ Pontuação, repetição ou corte parcial de determinadas expressões (AZEVEDO, 1996).

¹² Usamos essa nomenclatura para definir o ator de radionovelas.

Chaves (2007), uma intensificação da oralidade desse discurso, devido ao incalculável alcance geográfico e social do veículo.

A voz humana, aliada aos demais elementos sonoros que vamos abordar em seguida, formaram um gênero que se fixa na linha tênue entre várias artes, como a literatura, a música e o teatro, mas que extrapola essa linha e se constitui como gênero autônomo, como afirma Chaves (2007), “capaz de sacudir verdadeiramente a imaginação das pessoas”.

3.2 Sonoplastia: ilustrando o ambiente textual

“É impossível escrever sobre tudo isso. É necessário ouvir.” (PEIXOTO, 1980, p. 09).

Outro elemento que fazia parte da engrenagem radiofônica, e que soube ser muito bem utilizado nas produções das radionovelas foi a sonoplastia. Os sonoplastas eram os responsáveis pelos efeitos acústicos, fundo musical e pela contrarregra, artimanha de genialidade em efeitos sonoros e ruídos. Chaves (2007) informa que o dia a dia do sonoplasta consistia na busca por discos com objetivo de criar um acervo para as radionovelas e programas, com atenção especial para as cenas que seriam transmitidas, as passagens de tempo e de cenário. A questão musical estava ligada à ambientação das cenas. Era ela que doava o tom de uma manhã ensolarada ou de um momento de extremo suspense:

É dia, é noite, faz bom tempo, ou não faz? O homem que veste as sombras entra com sua técnica. E há músicas matinais, sob seu comando, que possibilita aos ouvintes sentir a leveza do ar da montanha, a gelada água cristalina, em que ele não vê, mas acredita. E as expressões fisionômicas? Podem ser retratadas pela música: “o medo - um pausado e fatal avanço de notas que preparam o espírito do espectador para algo terrível; o susto - um choque musical traumatizante; a cólera - um novelo de sons que se esboçam, tomam corpo ameaçadores. (QUEIRÓS *apud* CHAVES, 2007. p. 35).

A contrarregra era o elemento surpresa das produções radiofônicas. Ao profissional responsável por esse elemento cabia a missão de produzir os mais variados sons e ruídos, e principalmente, os que mais se assemelhassem aos sons reais. E assim surgiram os mais variados efeitos. Por exemplo, como enfatiza Chaves (2007): um comprimido efervescente em um copo d’água era o efeito

associado a uma pessoa atacada por um formigueiro; e uma máquina de costura em ação representava um tiroteio. O som *imitado* faz uma junção com o texto narrado e torna palpável o *elemento*. Para isso, os estúdios de radioteatro investiam cada vez mais montagem de estruturas que possibilitassem esse trabalho. Lago *apud* Chaves (2007, p. 35) nos fala sobre a magia da contrarregra:

Que encanto aqueles abrires de portas, simples ou com rangeres sugerindo dobradiças enferrujadas pelo tempo, portas de castelos povoados de fantasmas. Ah, as patas dos cavalos em disparada, a galope, a trote! Dava para se visualizar um *sprinter*, um disputante de provas de adestramento, a beleza de uma amazona lhe adornando as ancas. E os socos, os tiros, tudo a tempo e a hora.

Kolb (1931, p. 118) destaca que “nosso ouvido não está acostumado a acompanhar durante longo tempo apenas a palavra [...] estamos acostumados a que a nossa atenção fique sendo despertada pelo menos pela expressão facial do falante, ou pelos seus gestos.” Por isso, os elementos técnicos e recursos sonoros presentes tanto na produção das radionovelas, quanto no próprio aparelho difusor e receptor (rádio), estão projetados para facilitar o acompanhamento, por parte dos ouvintes, dos vários programas. E, completa:

[...] a palavra surgida da força imaginativa do falante, desperta no ouvinte idéias, como resultado delas, sensações. Da mesma forma, os ruídos, cujas causas não podemos ver, só podem despertar imagens. A música, que apoia frequentemente a palavra na peça radiofônica, pode, além dos efeitos, incrementar os que resultam da palavra ou do ruído. (KOLB, 1931, p. 122).

Assim, para que os textos radiodramatizados se tornassem mais compreensíveis, outro elemento, este sendo humano, era indispensável: o narrador. Segundo Kolb (1931), o narrador das radionovelas era observado, então, como um meio auxiliar para a compreensão da mensagem radiofonada. A ele pertencia a função de apresentar e ilustrar o ambiente, os personagens, suas roupas, suas feições e até sua personalidade e seus sentimentos.

4 As Radionovelas e o apelo ao público feminino

Nos enredos, sobressaem histórias de mulheres, que são, em regra, as protagonistas e passam por situações de discriminação, violência, opressão

e, como não poderia faltar nas novelas, momentos de perdão, amor, ingenuidade, cumplicidade, amizade e bondade [...] (CHAVES, 2007, p. 69).

Durante a *era de ouro* do rádio brasileiro, e também nos países que estimularam esse gênero na sua programação radiofônica, como Cuba¹³ e Argentina, talvez nenhum programa tenha feito tanto sucesso quanto as radionovelas (POLETO; FERNANDES, 2005). Eram programas feitos para dar aos radiouvintes prazer e imaginação, e com isso garantir audiência e arrecadar grandes quantias em verbas publicitárias. Segundo Azevedo (1996), emissoras como a Rádio Nacional do Rio de Janeiro e a Mayrink Veiga se tornaram verdadeiras *fábricas de ilusões*, tendo várias radionovelas no ar ao mesmo tempo.

As radionovelas eram tidas como *fantásticas*, revelavam a força de um gênero inspirado no melodrama e causavam um tipo de dependência nos radiouvintes, principalmente nas mulheres, que eram o público alvo das produções. Vários critérios que eram utilizados podem ser observados como favoráveis à audiência feminina. Por este aspecto, Chaves (2007, p. 46) segue destacando que:

[...] geralmente, o momento de ouvir as novelas era acompanhado de outros afazeres, e as mulheres aí se inspiravam, sonhavam e compartilhavam experiências. Em meio às narrativas melodramáticas que cultivavam as lágrimas e o suspense, as propagandas faziam coro para o consumo de produtos destinados a elas: de produtos das indústrias de sabão e farmacêuticas a eletrodomésticos e roupas íntimas, a ouvinte era o maior alvo.

Podemos perceber esse fato tanto no gênero dos produtos dos anunciantes, que eram artigos de limpeza, higiene pessoal e também eletrodomésticos, quanto nos enredos das narrativas. Citamos aqui o trecho de abertura da radionovela *O Direito de Nascer* (1951):

“Senhoras e senhoritas, o famoso creme dental Colgate, criador dos mais belos sorrisos, e Palmolive, o sabonete embelezador da mais alta qualidade que existe, apresentam: Radioteatro Colgate Palmolive, com mais um capítulo da emocionante novela de Félix Caignet, tradução de Eurico Silva, *O direito de nascer*” (POLETO & FERNANDES, 2009, p. 04).

E assim, os autores das radionovelas utilizavam como pano de fundo de seus enredos grandes histórias de amor, essencialmente melodramáticas, construindo

¹³ Cuba é considerada a maior fábrica de sucessos de radionovelas, com nomes importantes, como Félix Caignet, autor de “O Direito de Nascer”, transmitida no Brasil em 1945 (AZEVEDO, 1996).

assim uma identificação com o radiouvinte, no caso a mulher, historicamente mais sensível e sonhadora. Azevedo (1996, p. 154) discorre que as radionovelas tinham a mulher como público-alvo, pois “era ela que permanecia em casa cuidando das tarefas domésticas e, ao mesmo tempo, já ia às ruas para abastecer as necessidades da casa e as suas próprias”.

As radionovelas não foram somente uma forma de lazer e distração, mas também um meio de difundir ideias, modelos de consumo e modos de comportamento. Elas fizeram do rádio um fator essencial de cultura, e transmissor dessa cultura: satisfaziam, fascinavam, incitavam e refletiam informativamente a consciência sociocultural da época de forma criativa. Dessa forma, criavam na imaginação dos ouvintes um mundo feito de magia e mistério, capaz de educar, divertir, alegrar, comover e influenciar.

5 Radionovelas: construção da memória coletiva de mulheres paraibanas

A época que ficou marcada como a *era de ouro* do rádio brasileiro, com um histórico de glamour dos seus artistas e de vivacidade desse meio de comunicação, que registrava altos índices de audiência graças a sua diversificada programação, contando com programas de humor, jornalísticos, esportivos e com as inesquecíveis radionovelas, nos traz um dilema: o de ser também uma época *esquecida*, pois dos materiais utilizados na produção e na programação em geral, restam alguns poucos registros.

De acordo com Calabre (2003), as emissoras raramente se preocupavam em guardar seus roteiros ou documentações, pois trabalhavam em uma lógica comercial e vendiam um produto instantâneo, para ser comercializado no momento de recepção, esquecendo-se de preservar sua história. Isso dificultou, por conseguinte, um intenso mergulho na história social desse meio, e principalmente das radionovelas, que é o tema central deste artigo, mas não torna impossível a reconstituição de sua influência e importância no cotidiano da época a partir da memória dos ouvintes, especificamente, das radiouvintes paraibanas.

Seguindo o entendimento de Halbwachs (1990, p. 25), que afirma que “fazemos apelo aos testemunhos para fortalecer ou debilitar, mas também para completar, o que sabemos de um evento do qual já estamos informados de alguma

forma, embora muitas circunstâncias nos pareçam obscuras”. Analisamos seis entrevistas semiestruturadas¹⁴ que foram realizadas com mulheres ouvintes de radionovelas, com o objetivo de *reconstruir* o cotidiano social das radiouvintes, através de seus relatos sobre as radionovelas. As entrevistas foram realizadas com o apoio de uma pesquisa preliminar e um pequeno roteiro, mas sempre buscando dar à entrevistada o máximo de liberdade com um mínimo de interferência.

Os meios de comunicação usualmente utilizados e que foram contemporâneos ao surgimento e posterior popularização do rádio são o jornal impresso e a revista, ou seja, como maneira de tomar conhecimento do que acontecia em todo o mundo as pessoas liam jornais e revistas, ou ouviam os que liam propagar *boca a boca*, os acontecimentos.

O rádio chegou então para todos, não em 1922, com a primeira transmissão radiofônica, mas sim, depois do barateamento dos receptores¹⁵, quando qualquer que fosse o nível de cultura ou classe social, o ouvinte encontrava naquele aparelho hospedado em um canto da sala de sua casa seu informante de credibilidade, as mais belas vozes a cantar, os programas de comédia irradiados da forma mais divertida e as inesquecíveis e apaixonantes radionovelas. Estas, narradas de forma seriada, a cada dia um novo capítulo e novas emoções, para que o ouvinte permanecesse fascinado com aquela história.

As pessoas organizavam sua rotina diária para que pudessem estar livres no momento em que era transmitida sua radionovela preferida, ou suas *radionovelas*, pois nessa época, o sucesso era tamanho que a programação das rádios contava com vários horários destinados à irradiação das narrativas.

Podemos ver nos quadros abaixo a descrição da programação da Rádio Nacional do ano de 1946 contemplando radionovelas e séries, e a média percentual de cada categoria de ouvintes por casa:

¹⁴ Os depoimentos presentes neste artigo foram devidamente transcritos para manter a fidelidade das falas das entrevistadas.

¹⁵ Com o fim da Segunda Guerra Mundial, as indústrias de bens de consumo retomaram seu crescimento e alguns dos produtos já disponíveis nos Estados Unidos e na Europa desde o início do século começaram a chegar ao Brasil (CALABRE, 2004).

Março - 1946		
segunda - quarta - sexta	terça - quinta - sábado	dom.
10:30 Luz do meus olhos	10:30 Quando o coração quer	
13:00 Pelos Caminhos da vida	12:25 Eterna esperança	
20:00 Santa		
21:00 Lua Nova		
21:30 O cego da fonte		

Tabela 1: Quadro anual da programação de novelas e séries da Rádio Nacional.
Fontes: Mapas de Programação da Rádio Nacional (AZEVEDO, 1996, p.130).

MÉDIA PERCENTUAL DE OUVINTES POR CASA			
Horário	Homens	Mulheres	Crianças
9:00 - 10:00	14,43*	57,22	28,35
10:00 - 11:00	19,51	69,92↙	10,57*
11:00 - 12:00	19,07	50,97	29,96
12:00 - 13:00	23,00	43,00*	30,00
13:00 - 14:00	21,48	48,59	29,93
17:00 - 18:00	22,81	45,61	31,58↙
18:00 - 19:00	27,11	43,31	19,50
19:00 - 20:00	29,07	44,57	26,36
21:00 - 22:00	31,01↙	44,25	24,74

Tabela 2: Média percentual de ouvintes por casa.

↙ maiores percentuais por categoria

* menores percentuais por categoria

Fonte: IBOPE – RJ – Serviço de Rádio – 1944 *apud* AZEVEDO, 1996. p. 153.

Analisando as informações contidas nas tabelas, podemos inferir que a audiência das radionovelas durante todo o dia era composta essencialmente de radiouvintes mulheres. Essa audiência oscila durante o dia, mas sempre prevalece sobre a masculina e a infantil. O maior percentual indicado pelo IBOPE se situa no horário das 10:00 às 11:00 horas. Isso acontecia porque eram as senhoras e senhoritas que permaneciam em casa cuidando dos afazeres domésticos e também de si mesmas.

Nesse sentido, destacamos o depoimento desta ouvinte:

[...] ¹⁶ era de manhã que eu lembro que eu mais ouvia, era um horário que a gente já tinha aprontado o almoço, porque onde a gente morava, no sítio, a gente acordava cedo pra arrumar a casa, fazer as coisas e esperava pra começar logo a novela, todo dia era assim, naquela curiosidade pra ver o que ia acontecer no dia [...] e também era pouco tempo de novela, passava muito rápido, quando terminava a gente ficava com pena porque tinha acabado [...] (Maria de Fátima, 57).

O hábito de ouvir radionovelas era tido, por parte das ouvintes entrevistadas, como um momento de grande envolvimento. Durante as entrevistas pudemos perceber o fascínio exercido por esse gênero nas vidas das pessoas, a importância e doçura com que as ouvintes relatavam suas memórias mais distantes. Esta radiouvinte destacou a magia presente no momento de escuta das narrativas, que a emocionavam e estimulavam sua imaginação e pensamentos:

[...] era como se aquilo tivesse acontecendo de verdade, quando eu ouvia na novela, eu queria ver aquilo acontecendo [...] às vezes tinha vontade até de mudar a história, se tivesse acontecendo alguma coisa ruim [...] a gente se sentia até apaixonada também... (a entrevistada suspira em meio a risos discretos) ¹⁷ ficava na expectativa quando o rapaz ia pedir uma moça em casamento, depois se a novela terminava e a gente não sabia se a moça ia aceitar, a gente passava o dia pensando e falando nisso [...] (Maria do Socorro, 61).

As radionovelas eram responsáveis pela maior parte da verba publicitária dos rádios e seus principais patrocinadores eram marcas de produtos de limpeza, beleza e higiene pessoal, que estrategicamente usufruíam da audiência das radionovelas para conquistar o mercado e estimular o consumo dos seus artigos. Ao ser questionada sobre a possível influência exercida pelas propagandas no consumo de produtos de necessidade básica, a ouvinte confirma:

[...] quando a gente ia no mercado, procurava saber se tinha pasta Kolynos, se tinha o sabonete Gessy que falavam nas novelas [...] isso era muito importante pra gente (sorri), a gente queria usar as mesmas coisas que diziam nas novelas [...] Eu ouvia: com o oferecimento de sabonete Palmolive, na abertura da novela O Direito de Nascer [...]. A gente queria ter as mesmas coisas que anunciavam [...] (Terezinha, 73).

Moldando comportamentos, induzindo hábitos de consumo, modismos e também maneiras corretas de agir em sociedade, nos textos das radionovelas também estavam presentes mensagens que induziam a um comportamento tido

¹⁶ Usamos “[...]” para indicar que retiramos alguma palavra ou trecho da fala da entrevistada.

¹⁷ Para destacarmos expressões, reações e emoções, utilizamos o comentário dentro de parágrafos como o exposto neste depoimento.

como o “ideal” na época. As ouvintes começam a lembrar do que era passado como *certo* e como *errado*.

[Na radionovela], formatada como um produto direcionado à mulher, os temas desenvolvidos priorizavam as questões ligadas à busca do casamento (objetivo final de toda mulher de família); mulheres traídas e/ou abandonadas (decorrência do casamento frustrado); mães solteiras (casamento não consolidado) rejeitadas pela família e pela sociedade; adultério (casamento em crise pela incapacidade da mulher em completar os anseios do marido); preservação da pureza feminina (condição necessária para concretizar o casamento); e pecados carnis e luxuriosos (o sexo extra-casamento, novamente causado pela incapacidade feminina, e reservado exclusivamente ao homem). (ANDRADE, 1997, p. 35).

Reproduzimos aqui, a fala de uma entrevistada sobre os ideais de caráter veiculados pelas radionovelas, como se sugeria subliminarmente modelos de comportamento ou maneiras de agir:

[...] Lembro que na novela O Direito de Nascer, tinha uma mocinha que tinha engravidado sem ser casada ainda. Ela sofria e chorava tanto porque tinha sido enganada, e a gente que escutava chorava junto [...] nesse tempo era um pecado ter filho antes do casamento, mãe-solteira já sofre hoje, imagine naquele tempo [...]. Era interessante que nas novelas que passavam no rádio aconteciam essas coisas e a gente ficava prestando atenção, pra não acontecer com a gente também [...] (Josefa, 83).

A relação das ouvintes com a voz dos radioatores também merece destaque nesse estudo, uma vez que, assim como outros elementos sonoros, definiam a aura das cenas, e principalmente definiam o caráter e personalidade dos próprios personagens. A voz como fator essencial de diferenciação nas narrativas, pois o rádio é um veículo sem imagem, e cada ouvinte, individualmente, visualizava os personagens.

[...] a gente conhecia os personagens, pegava intimidade logo pelos nomes, se apegava pela voz, depois a gente já sabia quem estava falando. Acho que “eles” faziam de um jeito pra gente identificar logo quem eram os personagens pela voz. Daí eu já imaginava se era novo ou idoso, se era bonito (risos), ou ruim pela forma como se expressava, ou carinhoso [...] (Maria do Socorro, 61).

Assim como a voz humana, as ouvintes relembram a presença dos efeitos técnicos arranjados com trilha sonora, sonoplastia e contrarregra, como de grande importância. Eles funcionavam dentro de um conjunto que tornavam as cenas mais verossímeis. Era essa a sua função e era esse o resultado alcançado:

[...] nas radionovelas era como se a gente tivesse vivendo aquilo [...] a história era tão real e tudo acontecia tão de verdade que eu nem parava pra pensar que aquele som estava sendo imitado. Mas era engraçado (risos) eu tinha uma agonia tão grande quando fica uma surpresa no ar, que eles colocavam uma música de suspense [...] era tudo de verdade pra mim, eu só não podia tocar, mas era como se visse tudo só pelo que escutava. (Terezinha, 73).

Durante anos de irradiação, especificamente o período que vai da década de 1940 a 1960, as radionovelas se constituíram como o maior sucesso de audiência da programação radiofônica brasileira e representavam um novo gênero surgido em um meio técnico, capaz de se dirigir a tantos ouvintes de uma só vez e a cada um no seu mundo particular. As narrativas melodramáticas marcaram toda uma geração, de radiouvintes, de artistas, de autores, de sonoplastas, do modo de fazer e do costume de ouvir e acompanhar esses mágicos enredos.

As principais ouvintes – as mulheres – não fugiam a esta regra, e carregam até hoje na memória, as lembranças e as emoções de uma época em que um aparelho que ficava no canto da sala, de onde saíam imagens em forma de sons, as levavam a um mundo mágico: onde se era possível imaginar e construir as coisas como queriam que fossem. Quando a rotina das radiouvintes era premiada com histórias emocionantes que ainda hoje são lembradas com saudade.

Considerações Finais

Quase um século se passou desde a chegada do rádio em terras brasileiras, no ano de 1922. E ainda hoje o rádio cumpre um papel social que está longe de ser esquecido ou desnecessário. O rádio ainda está em nosso lar, ainda informa, diverte e distrai, ainda é nosso companheiro de todas as horas. Pois bem, dentro desse quase um século, uma *era* vale ser lembrada sempre por sua importância na configuração da sociedade da época e sua influência no cotidiano dos ouvintes: a era de ouro do rádio brasileiro.

Durante as décadas de 1940 e 1950, o tempo áureo da radiofonia, muitos gêneros de programas fizeram sucesso, a exemplo dos shows de calouros e dos programas de humor, mas nenhum se destacou tanto quanto as inesquecíveis e emocionantes radionovelas: as narrativas seriadas que prendiam a atenção dos ouvintes e soltavam sua imaginação através do trabalho com palavra e som.

Apesar da ampla produção e consumo das radionovelas, as dificuldades para encontrar material teórico são muitas, principalmente estudos que abordem perspectivas relacionadas com a comunicação e com a influência social desse gênero artístico. Por isso optamos por tentar reconstruir o cotidiano social através da memória coletiva das mulheres paraibanas, na tentativa de demonstrar essa presença e influência das radionovelas em determinada época de suas vidas.

Para desenvolver claramente este artigo, foi necessário dividi-lo em seções, nas quais iniciamos por analisar de forma contextualizada a formação da sociedade brasileira e paraibana relacionada às primeiras transmissões radiofônicas em esfera nacional e local, destacamos a intencionalidade educativa e cultural das primeiras emissoras, a regulamentação das leis que discorriam sobre a radiodifusão e o importante papel da publicidade na popularização e destinação de recursos para a manutenção das rádios.

A análise dos elementos técnicos e efeitos sonoros presentes na produção e posterior irradiação das radionovelas, nos trouxe o entendimento da linguagem do gênero e porque a radionovela foi considerada uma arte nascida no meio técnico, com linguagem e características adaptadas ao próprio rádio. As radionovelas eram um conjunto de elementos harmônicos que faziam fundo a uma trama ficcional, mas com raízes no cotidiano das pessoas.

Na análise das entrevistas semiestruturadas realizadas com radiouvintes paraibanas, expusemos alguns depoimentos que retratam a verdadeira importância e significância das radionovelas no cotidiano das pessoas, fatos e lembranças que não podem ser encontrados em livros, e sim, emoções que tentamos descrever em rubricas.

Durante as entrevistas pudemos perceber o envolvimento das radiouvintes com as tramas: as casas, os jardins, a mocinha ou o vilão ganhavam a forma que era dada pela imaginação de cada uma. Ao lembrar esse tempo, várias vezes as senhoras fechavam os olhos, como se fossem reinventar as cenas. Mais que ouvir, as mulheres pareciam viver as histórias irradiadas. Uma das senhoras nos falou que era “como se estivesse vivendo outra vez, só de lembrar”. Por isso, falar de radionovelas com quem já viveu essa experiência é também mergulhar no infinito imaginário que esse gênero proporcionou as suas ouvintes, só em ouvir.

Esperamos, com este estudo, poder contribuir com a memória do rádio, esse meio de comunicação centenário obstinado a continuar vivo em nossos lares e principalmente das radionovelas, o gênero de maior audiência da radiofonia brasileira. As radionovelas: que estimulavam a imaginação e transmitiam emoções e que, ainda hoje, como pudemos notar pautadas as entrevistas são lembradas com sentimento e nostalgia. Se o rádio fez morada definitiva nas residências dos ouvintes, as radionovelas fizeram residência em suas mais ternas lembranças.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Antônio de. **A felicidade está no ar: memória do rádio e da radionovela**. Revista Raízes, nº. 16, Fundação Pró-Memória São Caetano do Sul, dez. 1997. pp. 32-39. Disponível em < <http://br.geocities.com/memorialdatv/radio.htm> >. Acesso em 10 out. 2012.

AZEVEDO, Lia Calabre de. **Na sintonia do tempo: uma leitura do cotidiano através da produção ficcional radiofônica**. Niterói, Dissertação de Mestrado, Universidade Federal Fluminense, 1996.

CALABRE, Lia. **A Era do Rádio: Memória e História**. In: XXII Simpósio Nacional de História, 2003, João Pessoa. Anais Eletrônicos do XXII Simpósio, 2003.

_____. **A participação do rádio no cotidiano da sociedade brasileira (1923-1960)**. Curitiba: Ciência & Opinião, v.1, n. 2/4, jul. 2003/dez. 2004.

CHAVES, Glenda Rose Gonçalves. **A radionovela no Brasil: um estudo de Odette Machado Alamy (1913-1999)**. Belo Horizonte, Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, 2007.

HALBWACHS, Maurice (1877-1945). **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos. O breve século XX – 1914 – 1991**. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

KLIPPERT, Werner. Elementos da linguagem radiofônica (1977). In: SPERBER, George Bernard. **Introdução à Peça Radiofônica**. São Paulo: EPU, 1980.

KOLB, Richard. O desenvolvimento da peça radiofônica artística a partir da essência do rádio (1931). In: SPERBER, George Bernard. **Introdução à Peça Radiofônica**. São Paulo: EPU, 1980.

MENEGUEL, Yvonete Pedra. **O rádio no Brasil: do surgimento à década de 1940 e a primeira emissora de rádio em Guarapuava. 2008.** Disponível em < <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/713-4.pdf> > Acesso em: 26 mai. 2010.

MOREIRA, Sônia Virgínia. **O rádio no Brasil.** Rio de Janeiro: Ed. Rio Fundo, 1991.

PEIXOTO, Fernando. Descobrimo o que já estava descoberto. In: SPERBER, George Bernard. **Introdução à Peça Radiofônica.** São Paulo: EPU, 1980.

POLETTTO, Thays Renata; FERNANDES, Márcio. **Sons para sonhar: sonhos para ouvir - as radionovelas e a mágica da palavra falada no rádio.** Ide (São Paulo), São Paulo, v. 32, n. 49, dez. 2009. Disponível em: < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062009000200014&lng=pt&nrm=iso >. Acesso em: 02 out. 2012.

SAROLDI, Luiz Carlos e MOREIRA, Sônia Virgínia. **Rádio Nacional: o Brasil em sintonia.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

SCHÖNING, Klaus. Ouvir peças radiofônicas: em defesa de uma criança abandonada (1979). In: SPERBER, George Bernard. **Introdução à Peça Radiofônica.** São Paulo: EPU, 1980.

SOUZA, A. Clarindo B. ; FREITAS, Goretti Maria S. ; OLIVEIRA, Flavianny G. **História da Midia Regional: o rádio em Campina Grande.** Campina Grande: EDUFCG, 2006.

SOUZA, Moacir Barbosa de. **As Primeiras Transmissões De Rádio Na Paraíba.** In: Mídia Brasileira: 2 séculos de história. I Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho. Disponível em: < http://www.academia.edu/386729/As_Primeiras_Transmissoes_De_Radio_Na_Parai_ba >. Acesso em: 25 set. 2012.